

Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

## VAMOS EM BORA: O FUNCIONAMENTO DA GRAFIA HIPERSEGMENTADA DE *EMBORA* EM TEXTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

*“Vamos em bora”*: the hypersegmented spelling operation of “*embora*” in texts of middle school

Roberta Pereira FIEL (UNESP)<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma concepção heterogênea de constituição da escrita, o funcionamento sintático, morfossemântico e prosódico da hipersegmentação *em bora* retirada de textos escritos por alunos que cursaram os quatro últimos anos do EF em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto - SP. Para alcançar esse objetivo, nos baseamos no funcionamento diacrônico e sincrônico do item *embora* e na organização prosódica da língua. Identificamos 12 ocorrências da hipersegmentação *em bora*, as quais evidenciam um funcionamento adverbial em 100% dos dados e ocorrem sempre em contexto de verbo de movimento (*ir*) + *em bora*. No que diz respeito às características prosódicas, observamos que a configuração prosódica da palavra *embora* pode ter influenciado na identificação, por parte do escrevente, de palavras da língua, como a preposição *em* e a palavra *bora*. Esses resultados evidenciam a circulação do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas.

**Palavras-Chave:** Hipersegmentação; Relação fala/escrita; Ensino Fundamental II.

### ABSTRACT

*This article analyzes the syntactic, morphosemantic and prosodic functioning of hypersegmentation “em bora”, collected from texts written by students who attended the last four years of middle school in a public school in the city of São José do Rio Preto, Brazil. The analysis was based on the diachronic and synchronic functioning of the item and on the prosodic organization of the language. It was identified 12 occurrences of hypersegmentation “em bora”, which show an adverbial functioning in 100% of the data and always occur in the context of the movement verb (“ir”) + “em bora”. Regarding the prosodic characteristics, it was observed that the prosodic configuration of the word, “embora”, may have influenced the identification of*

<sup>1</sup>Doutoranda da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – câmpus de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7456-7905>; [roberta.fiel@unesp.br](mailto:roberta.fiel@unesp.br).

\* Este artigo originou-se de trabalho desenvolvido na disciplina “A mudança linguística em perspectiva histórica”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, ministrada pela Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin, no verão de 2015.

words in the language, such as the preposition “em” and the word “bora”. These results show the circulation of the student through oral/spoken and literate/ written practices.

**Keywords:** *Hypersegmentation; Speech/writing relation; Elementary school.*

## 1. Introdução

A conjunção *embora* é originada da locução adverbial *em boa hora*, que, após sofrer um processo de gramaticalização<sup>2</sup>, perdeu conteúdo fônico e passou a se comportar também como uma conjunção (cf. ALI, 1964; COUTINHO, 1967; CÂMARA, 1979). Sincronicamente, Felício (2008) mostra que *embora* apresenta funcionamento sintático-semântico de advérbio de deslocamento/afastamento e conjunção concessiva. De um ponto de vista prosódico, *embora* contém três sílabas, que estabelecem entre si uma relação de forte/fraco, configuração que, segundo Chacon (2005), favorece a identificação de possíveis palavras da língua, como *em* e *bora*. Devido à complexidade de sua constituição, *embora* é, muitas vezes, hipersegmentada, isto é, grafada com uma fronteira em branco entre as sílabas *em* e *bora*, em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental (EF).

Com base nessas informações, neste artigo, nosso objetivo é analisar, a partir de uma concepção heterogênea de constituição da escrita (CORRÊA, 2004), o funcionamento sintático, morfossemântico e prosódico da hipersegmentação *em bora* retirada de textos escritos por alunos que cursaram os quatro últimos anos do EF em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, noroeste do Estado de São Paulo. A partir dessa análise, levantaremos hipóteses para a permanência dessa hipersegmentação em textos de alunos do EF II, visto que, segundo documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), no EF II, os alunos já deveriam ter domínio de colocação de espaço em branco entre palavras.

Este texto está assim organizado: após essa breve introdução, trazemos alguns pressupostos teóricos sobre a constituição do item *embora*, sobre as hipersegmentações e os constituintes prosódicos; posteriormente, fazemos uma breve apresentação do material de estudo e do corpus de análise que utilizamos nesse trabalho; em seguida, trazemos a análise dos dados e as possíveis hipóteses explicativas acerca do item *em bora* em textos do EF II; finalizamos o trabalho com as considerações finais.

---

<sup>2</sup> De modo sucinto, a gramaticalização é um fenômeno linguístico em que itens lexicais transformam-se em itens gramaticais ou itens gramaticais transformam-se em itens ainda mais gramaticais (LOPES, 2004).

## 2. Fundamentação teórica

Nesta seção, discorreremos sobre o funcionamento diacrônico e sincrônico da expressão *em boa hora* e da palavra *embora*, a fim de demonstrar a complexidade do nosso objeto de análise. Logo em seguida, tratamos das chamadas segmentações não convencionais de palavras escritas e da Hierarquia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007). Para finalizar a seção, explicitamos a concepção de escrita adotada.

### 2.1. Funcionamento diacrônico e sincrônico de *embora*

Ali (1964) explica que durante a Idade Média (século V ao século XV) havia uma crença coletiva de que o êxito das ações humanas dependia da hora em que eram realizadas. Dessa forma, era costume usar a locução *em boa hora* para desejar bom agouro, como mostra Felício (2008, p. 10) nos dados a seguir.

(01) Vaamos *em boa hora* nosso caminho (Zurara, *Guiné* 337)

(02) Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (*ib.* 186)

Em contraste, Coutinho (1976) argumenta que se o sentimento era de mau agouro, usava-se a locução *em hora má*, que de tanto ser usada pelas pessoas da época, acabou por se transformar em um só vocábulo, *eramá*, *ieramá*, *aramá* e transformando-se até em *amará*, expressões essas em desuso na contemporaneidade. Situação semelhante ocorreu com a locução *em boa hora*, que, segundo Ali (1964) e Câmara (1979), sofreu processo de aglutinação, no qual perdeu conteúdo fônico, tornando-se uma só palavra: *embora*.

Ali (1964) explica que se tornou usual a palavra *embora* acompanhar verbos de movimento como *ir* e *vir*, por isso, começou a funcionar como um advérbio com sentido de deslocamento/afastamento. *Embora* também passou a ser empregado em orações optativas para denotar que o falante não era contrário à alguma ação, como discorre Ali (1964). A partir desse uso, *embora* ganhou a função de conjunção concessiva, como mostra Felício (2008, p. 10), no exemplo a seguir:

(03) Respondeu por vezes que morressem muito *embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, *Cartas* 1, 118)

Felício (2008) mostra que no século XV<sup>3</sup>, já havia a forma *embora* e que já era possível observar uma leitura ambígua desse item, como no exemplo em (4), em que é possível depreender uma leitura de desejo, por parte do falante, bem como de deslocamento espacial, muito recorrente nos dados do português atual:

---

<sup>3</sup> Felício (2008) faz uma descrição diacrônica detalhada do funcionamento de *embora*, desde o século XV ao século XIX.

(04) ella nos recebeo com muyta alegria, & nos disse: a vinda de vos outros, verdadeyros Christãos, he ante mym agora laõ agradauel, & foy sempre tão desejada, & o he todas as horas destes meus olhos que tenho no rosto, como o fresco jardim deseja o borrifo da noite, venhais **embora**, venhais **embora**, & seja **em** tão **boa hora** a vossa entrada nesta minha casa, como a da Raynha llena na terra de Ierusalem. (15F, 22)

A autora também pontua que, já no século XV, era possível observar que verbos de movimento são responsáveis pela interpretação espacial de *embora*, como podemos observar no exemplo (04). Todavia, esse sentido não é evidenciado por gramáticas históricas. Sincronicamente, a palavra *embora* mobiliza diversos usos, como advérbio, conjunção, interjeição etc., os quais o Dicionário Michaelis ilustra, brevemente, no verbete a seguir:

em.bo.ra

*adv* (da expressão *em boa hora*) **1** Em boa hora: *Vai-te embora!* **2** Ainda assim: *Dessem-lhe um milhão de dólares, e ele ficaria, embora, muito endividado.* *conj* Ainda que, conquanto, posto que: *Tem o seu orgulho, embora pobre e sem nome.* *interj* Não importa! Tanto monta! Partícula expletiva: *Foram-se embora.* *sm pl ant* Parabéns, felicitações: *Dou-lhe os meus emboras.* (Dicionário Michaelis online)

Todavia, Felício (2008) afirma que as gramáticas atuais apontam o funcionamento de *embora* de maneira parcial. A autora, baseada em Ferreira (1986), aponta outras atribuições à palavra *embora* que podem ser encontradas em dicionários:

A primeira diz respeito ao valor adverbial, já que, segundo o autor, em *Foi embora e no caminho o mataram*, o conteúdo semântico do item não seria de retirada, mas sim vazio, sendo seu valor garantido pelo verbo de movimento. O outro apontamento de Ferreira (1986), não encontrado em Houaiss (2001), se refere ao valor preposicional desempenhado por *embora*. Com o mesmo valor que a locução prepositiva *apesar de*, o autor observa que o uso preposicional de *embora* é muito censurado, ainda que ocorra com muita frequência na língua. (FELÍCIO, 2008, p. 11)

A fim de evidenciar esse funcionamento polissêmico, Felício (2008) analisou dados sincrônicos de fala, provenientes do Banco de Dados Iboruna, que reúne amostras de fala da região noroeste do Estado de São Paulo, e dados de escrita, advindos do Centro de Estudos Lexicográficos, da Unesp de Araraquara, São Paulo.

No corpus de análise, a autora identificou o funcionamento de *embora* como conjunção concessiva tanto nos dados de escrita como nos dados de fala (FELÍCIO, 2008, p. 120):

(05) que eu passei:: atrás de votos... visitando pessoas... éh:: no sítio... éh na cidade casa encontrando os amigos falando sobre política... éh:: tivemos comícios... éh:: enfim... foi uma::/ foi gratificante... **embora** eu tenha perdido a eleição foi muito gratificante... éh::ter participado daquilo (AC-113-NE)

Felício (2008) também identificou *embora* com funcionamento adverbial espacial, o qual acompanha, preferencialmente, os verbos *ir* e *mandar*, nos dados de escrita, e os verbos *ir*, *vir*, *mandar*, *levar*, *voltar* e *partir*, nos dados de fala, como ilustrado no exemplo a seguir (FELÍCIO, 2008, p. 127):

(06) num sei se ele... envolveu em briga... tinha sujado de barro e deixado a roupa pegado uma roupa... do amigo dele e *ido embora* prá casa prá não chegar em casa com aquela roupa suja então chegou em casa limpinho...(AC-103-NR)

A autora ainda identificou uma ocorrência, nos dados de fala, de advérbio de avanço com sentido mais abstrato, de avanço, de rapidez, ou eficiência (FELÍCIO, 2008, p. 130):

(07) tem que ficar passando o dedo se tiver enrolado tem que (virar) aí depois depois de dobrar o lençol tem que molhar ele que nem a fronha... aí depois dá pra passar... aí pa::ssa (cê tem que passar) cê tem que dobrar ele direitinho (inint.) do:: da forma que eles quer que cada uma pessoa pe::de (inint.) aí forma aqueles montã::o de lençol (e vai **embora**) e tem uns que tem que embalar também que eles tem que mandar os lençol embalado que lá:: que lá onde ele::s (inint.) os embalado serve pra cobrir assim e:: e os que põe na cama normal:: e os outros serve como se fosse:: coberta sabe? (AC-016-RP)

Por fim, a autora identificou, nos dados de fala e escrita, *embora* com funcionamento de preposição concessiva, no qual ele funciona como um elo entre porções dos enunciados:

(08) é:: a história da vida dele e conta... mu::itas coisas... alegres da infância dele também... ele tinha um primo que por ter falecido os tios dele moravam... **embora** já doze filhos morava mais um primo junto (AC-117-NR)

Felício (2008) notou que nos dados de escrita, o tipo textual influencia diretamente no uso morfossemântico da palavra, pois é mais comum o item *embora* apresentar comportamento conjuncional em textos técnicos, jornalísticos, literários e de natureza oratória. Já o funcionamento adverbial foi constatado com mais frequência em textos dramáticos. Assim, a autora argumenta que a conjunção *embora* é usada com mais frequência em textos escritos mais formais, ao passo que o advérbio *embora* é mais utilizado em textos escritos informais.

No que diz respeito ao uso de *embora* em dados de fala, a autora observou que em textos narrativos em que há um envolvimento do falante acerca do assunto do texto, a presença do advérbio foi mais recorrente. Isso também se verificou em textos em que há um relato de algum procedimento.

O grau de escolaridade e a idade do informante também parecem influenciar no uso de *embora* com valor conjuncional, segundo Felício (2008), a conjunção *embora* é mais comum em relatos de informantes com idade acima de 55 anos e com nível de escolaridade superior.

A partir das colocações sobre o uso diacrônico e sincrônico de *embora*, iremos observar o funcionamento dessa palavra hipersegmentada em textos escritos por alunos do EF II.

Para tanto, na seção seguinte, discorreremos sobre as chamadas segmentações não convencionais de palavras escritas, sobre os constituintes prosódicos e sobre a concepção de escrita adotada neste trabalho.

## 2.2. Segmentação não convencional de palavras escritas e constituintes prosódicos

A hipersegmentação<sup>4</sup> é um tipo de segmentação não convencional de palavra escrita e é caracterizada pela presença não convencional de fronteira gráfica no interior da palavra, como em *em bora*, em que, convencionalmente, espera-se *embora*. Além da hipersegmentação, temos também a hipossegmentação que ocorre quando há a ausência não convencional de fronteira gráfica entre as palavras, como em *concerteza*, em que, convencionalmente, espera-se *com certeza*. Segmentações não convencionais de palavras escritas são muito comuns no EF I, como mostram os trabalhos de Serra (2007), Capristano (2007) e Chacon (2004, 2005, 2006, 2013). No EF II, elas não são esperadas, segundo documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), todavia, elas se mostram comuns nessa etapa escolar, como mostram os trabalhos de Silva (2014), Paranhos (2014), Tenani (2016) e Fiel (2018). Esses trabalhos, de modo geral, evidenciam a complexidade no que diz respeito à delimitação de fronteiras gráficas na escrita.

No que diz respeito à escrita do EF II especificamente, Tenani (2016), Silva (2014), Paranhos (2014) e Fiel (2018) argumentam que considerar pressupostos de teorias fonológicas (cf. NESPOR e VOGEL, 1986, 2007) para descrever e analisar aspectos linguísticos observados em textos escritos contribui para um entendimento dos modos pelos quais a organização rítmico-entoacional dos enunciados constituem os textos escritos. Nesses trabalhos, as autoras adotam o modelo da Fonologia Prosódica chamado de *Relation-based*

---

<sup>4</sup> A literatura que lida com segmentações não convencionais de palavras escritas ainda prevê um terceiro tipo de ocorrência, na qual há, simultaneamente, a hipossegmentação e hipersegmentação na mesma sequência, como em *pora qui*, em que há, em um primeiro momento, a hipossegmentação da palavra “por” com a primeira sílaba da palavra “aqui” e, posteriormente, a hipersegmentação da palavra “aqui”. Esse tipo de ocorrência é chamado de *híbrido* por Cunha (2004), pois a autora entende que há características das duas possibilidades de segmentação não convencional; e por *mescla*, por Chacon (2013), pois o autor considera que há mesclas de domínios prosódicos. A mescla ou híbrido é mais comum em textos escritos nos anos iniciais do EF I (cf. CHACON 2004, 2005, 2006; SERRA, 2007; CAPRISTANO 2007).

(NESPOR E VOGEL, 1986, 2007), no qual é defendido a existência de sete constituintes prosódicos que estruturam os enunciados das línguas do mundo, que são do menor ao maior:

- i. **sílaba ( $\sigma$ )**: unidade basilar da hierarquia prosódica, na qual a cadeia fônica é estruturada. A palavra “bolo”, por exemplo, é constituída por duas sílabas que mantêm entre si uma relação de dominância, em que a sílaba *bo* é forte em relação a sílaba *lo*;
- ii. **pé métrico ( $\Sigma$ )**: constituído por meio da relação de dominância/dominado entre duas ou mais sílabas (BISOL, 1996). A depender dessa relação, o pé métrico recebe uma nomenclatura: pés binários (com duas sílabas) com o acento à esquerda são chamados de troqueus, como na palavra *bolo*; pés binários com acento à direita são denominados iambos, como na palavra *comer*, por exemplo; e pés ternários, com três sílabas, caso das palavras proparoxítonas, são denominados dátilos, como, por exemplo, a palavra *pêssego*;
- iii. **palavra prosódica<sup>5</sup> ( $\omega$ )**: composta por um ou mais  $\Sigma$ s; caracteriza-se por ser portadora de um acento lexical ou acento primário. Um exemplo em português brasileiro (PB) é a palavra morfológica *guarda-roupa* que se constitui de duas palavras prosódicas [guarda] $\omega$  [roupa] $\omega$ , por haver dois acentos: um na primeira sílaba de *guarda* e outro na primeira sílaba de *roupa*;
- iv. **grupo clítico (CG)<sup>6</sup>**: formado por uma única palavra de conteúdo acompanhada de clíticos (palavras gramaticais átonas, tais como artigos, preposições, conjunções). Em um enunciado como *As crianças comeram o bolo de pêsego* temos três grupos clíticos: *as crianças*, *o bolo*, *de pêsego*, nos quais os clíticos *as*, *o* e *de* vêm acompanhados, respectivamente, de seus hospedeiros: *crianças*, *bolo* e *pêssego*, que são consideradas palavras prosódica por apresentarem, cada uma, um acento primário.
- v. **frase fonológica ( $\phi$ )**: composto por clíticos e cabeças lexicais, que podem ser nomes, verbos, alguns advérbios e pronomes. No enunciado [As crianças]  $\phi$  [comeram]  $\phi$  [o bolo]  $\phi$  [de pêsego]  $\phi$ , encontram-se quatro frases fonológicas;
- vi. **frase entoacional (I)**: formada por um conjunto de frases fonológicas, como, por exemplo: [Na semana passada]  $\phi$  I [as crianças]  $\phi$  [comeram]  $\phi$  [um bolo]  $\phi$  [de pêsego]  $\phi$  I; ou por uma frase

<sup>5</sup> Esse constituinte, em inglês *phonological word*, foi traduzido por Bisol (1996) como *palavra fonológica* e, posteriormente, em trabalhos sobre o português Europeu (VIGÁRIO, 2001), foi traduzido como *palavra prosódica*. Neste trabalho, optamos por usar a nomenclatura *palavra prosódica*, já que é a mais difundida em trabalhos atualmente (cf.; BOOP, 2010; FERNANDES-SVARTMAN, 2012; GUZZO, 2015; TENANI, 2016).

<sup>6</sup> A definição do *status* do grupo clítico tem causado bastante repercussão e discussões. Entretanto, faz-se importante explicitar que nos limitamos a reconhecer que existe uma estrutura prosódica para o clítico e seu hospedeiro, chamada de *grupo clítico*, (cf. NESPOR E VOGEL, 1986, 2007; BISOL, 2000, 2005).

fonológica apenas, como: [Cuidado!] I, desde que esta possua um contorno entoacional ascendente ou descendente;

- vii. **enunciado fonológico (U)**: constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Tem sua proeminência relativa sempre mais à direita em línguas de recursividade sintática à direita, como o PB, e sua identificação é feita através dos limites sintáticos e da pausa, na frase a seguir, temos um U composto por frases fonológicas e frases entoacionais: “[Na semana passada] φ I [as crianças] φ [comeram] φ [um bolo] φ [de pêssego] φ I] U.

É a partir desses sete constituintes que os processos de segmentação, de configurações de acentos e de tons em uma dada língua se realizam. Esses processos são interpretados como evidências de estruturas que se estabelecem na interface entre fonologia e demais componentes da língua, privilegiadamente, a sintaxe.

Neste trabalho, nos valem dessa abordagem prosódica por ela nos proporcionar caminhos possíveis para trabalhar com a complexidade da dimensão fônica da linguagem (CHACON, 1998) e, assim, argumentar como se estabelece a relação entre fala e escrita, a qual, assumimos, com base em Corrêa (2004), que não se dá por meio de um processo de interferência entre modalidades falada e modalidade escrita, pois a escrita não é homogênea, é, na verdade, heterogeneamente constituída pelos modos de enunciação falado e escrito (cf. CORRÊA, 1997, 2004).

Corrêa (1997, 2004) defende que fala e escrita são concebidos como modos enunciativos intrinsecamente ligados às práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas, isto é, os fatos da língua (falado/escrito) só se realizam por serem modos de enunciação concretizados por meio de práticas de linguagem. Nesse sentido, o autor argumenta que a heterogeneidade é própria **da** escrita e não está presente **na** escrita, pois trata-se da heterogeneidade como constitutiva da escrita e não como uma característica pontual e acessória desta. Esse autor sinaliza ainda que a heterogeneidade da escrita se mostra por intermédio da relação do sujeito com a linguagem, uma vez que é por meio dessa relação que se faz possível recuperar a presença das práticas sociais nas produções discursivas. Assim, Corrêa (1997, 2004) afirma que o sujeito escrevente, quando enuncia, circula por práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas e deixa indícios na materialidade linguística desse trânsito, revelando como se dá a elaboração de (sua) escrita.

Corrêa (2004) também propõe que a partir de produções escritas, é possível captar a circulação do sujeito escrevente por três eixos: o eixo da gênese da escrita, o eixo do código escrito institucionalizado e o eixo com o já falado/escrito e o ouvido/lido. O **eixo da gênese da escrita** refere-se aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade,



situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal. Em outras palavras, com o que imagina ser a representação termo a termo da fala pela escrita. O **eixo do código escrito institucionalizado** refere-se à representação que sujeito escrevente faz do institucionalizado para a sua escrita, ou seja, com o que imagina ser – a partir de suas experiências com a escrita e com a própria visão escolar sobre a escrita – o código escrito institucionalizado. O **eixo da relação com o falado/escrito e ouvido/lido** refere-se à relação que o texto do escrevente mantém com o já falado e com o já ouvido, bem como com o já escrito e com o já lido. Por meio dessa relação, o escrevente põe-se em contato não só com tudo que teve experiência oral, como também com a produção escrita em geral e com uma produção escrita particular (a da coletânea de textos que deve ler para escrever um texto, por exemplo). Em outras palavras, com o que imagina ser a relação apropriada com a exterioridade que constitui o seu texto, outros textos, a própria língua, outros registros, outros enunciadores, o leitor etc.

Com base na concepção de escrita adotada, defendemos, juntamente com Silva (2014), Tenani (2016) e Fiel (2018), que a complexidade dos dados de hipossegmentação e hipersegmentação identificados, em textos escritos por alunos do EF II, se dá em razão deles carregarem características da oralidade e características de um processo de letramento (aquele também advindo da instituição escolar), evidenciando a multifacetada relação do sujeito com a língua(gem) falada e escrita.

Na seção seguinte, descrevemos o material e os dados analisados neste trabalho.

### 3. Material e dados

O material de investigação deste artigo é composto por 11 textos escritos por alunos que cursaram os quatro últimos anos do EF II em uma escola Pública da Cidade São José do Rio Preto, os quais foram retirados da amostra longitudinal que pertence ao Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (TENANI, 2015)<sup>7</sup>. A amostra longitudinal é composta de 2.495 textos, pertencentes a diversos tipos e gêneros textuais<sup>8</sup>, produzidos por 291 alunos. Desse conjunto de alunos, 116 produziram ao menos um texto em todos os anos do EF II.

---

<sup>7</sup> O Banco de Dados de Escrita do EF II é resultado do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, desenvolvido, em uma escola pública de São José do Rio Preto, por alunos e docentes da UNESP/IBILCE Projeto coordenado pelas Profas. Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin (UNESP/SJRP) com apoio financeiro da PROEX/UNESP de 2009 a 2011 e da FAPERP (Fundação de Apoio à Pesquisa de São José do Rio Preto) em 2008 está disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login> e pode ser acessado, mediante cadastro e autorização da coordenadora..

<sup>8</sup> A descrição dos gêneros e de tipos textuais que constituem o Banco está disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>.

Nos textos desses 116 alunos, levantamos 12 ocorrências da palavra *embora* hipersegmentada<sup>9</sup>. Essas 12 ocorrências foram levantadas em 11 textos escritos por nove alunos, três meninas e seis meninos. Desses dados, 50% (6/12) ocorreram no sexto ano; 16,7% (2/12) no sétimo ano; 25% (3/12) no oitavo; e somente 8,3% (1/12) no nono ano do EF II.

Para a análise gramatical e semântica das ocorrências levantadas, nos baseamos nos critérios utilizados por Felício (2008), os quais foram criados a partir de gramáticas descritivas e dicionários do PB. Os critérios sintáticos levam em conta (i) a **posição da hipersegmentação na oração**, pois, segundo Felício (2008), o valor morfossintático de *embora* pode estar relacionado à posição em que ele ocupa na sentença, “a saber: início de oração (posição mais comum às conjunções); entre o verbo e seus argumentos (menos comum às conjunções e mais comum aos advérbios); final de oração (mais comum aos advérbios), e entre termos da oração, como substantivo e adjetivo (comum às preposições)” (FELÍCIO, 2008, p. 112); e (ii) o **tempo e modo verbal**, já que, segundo a autora, orações concessivas prototípicas costumam apresentar o verbo no modo subjuntivo, por isso, o modo/tempo dos verbos da construção em que *embora* aparece pode revelar a categoria gramatical do item. Os critérios semânticos levam em conta (i) **os tipos semânticos dos verbos**, que auxilia na identificação do valor espacial e temporal do advérbio, visto que os verbos de movimento auxiliam na leitura espacial; e (ii) a **presença ou ausência de elementos circunstanciais**, que auxilia na identificação do valor temporal e espacial, já que não é recorrente a presença desses elementos em contextos concessivos, segundo Felício (2008).

Para a análise das ocorrências, partimos da identificação das possíveis estruturas prosódicas que envolvem a palavra *embora* hipersegmentada. Assim, em termos estruturais, partimos dos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007), a saber: sílaba ( $\sigma$ ), pé métrico ( $\Sigma$ ) e a palavra prosódica ( $\omega$ ), pois a principal característica de dados de hipersegmentação é ocorrer no nível da palavra<sup>10</sup>. Consideramos a forma como se organizam as sílabas no interior da palavra *embora* grafada convencionalmente e não convencionalmente.

Na próxima seção, apresentamos a análise dos dados, na qual descrevemos as características sintáticas, semânticas e prosódicas das ocorrências de *em bora* e levantamos possíveis hipóteses explicativas para sua permanência no EF II.

---

<sup>9</sup> Para uma descrição detalhada da metodologia utilizada para identificação de dados de segmentação de palavra escritas, consulte Tenani (2016) e Fiel (2018).

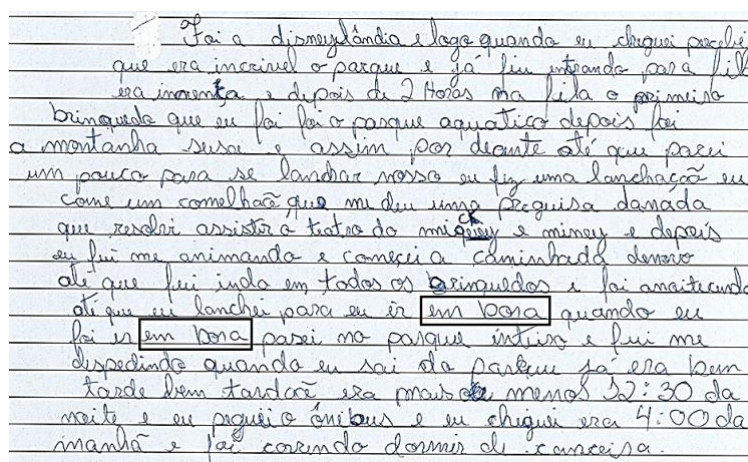
<sup>10</sup> Diferentemente de dados de hipossegmentação, que sempre ocorrem entre unidades, mobilizando os constituintes mais altos da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007).

#### 4. Hipersegmentação de embora em textos do EF II

No que diz respeito à análise sintática, observamos que as 12 (100%) ocorrências de hipersegmentação da palavra *embora*, retiradas de textos escritos por alunos do EF II, apresentam funcionamento adverbial. Esse resultado pode estar relacionado aos tipos textuais trabalhados no EF II, visto que, segundo Felício (2008), o tipo de texto em que *embora* é utilizada exerce significativa influência em seu funcionamento. A autora mostra que é mais comum que o item apareça como uma conjunção em textos técnicos, jornalísticos, literários e de natureza oratória. Já o funcionamento adverbial, mais comum em textos dramáticos, nos quais são contadas relatos e histórias pessoais. Essa observação vai ao encontro dos resultados observados neste trabalho, pois sete dados (58,3%) ocorreram em textos do tipo textual<sup>11</sup> narrativa<sup>12</sup> e cinco dados (41,7%) em textos do tipo textual relato<sup>13</sup>. Desse modo, o tipo textual trabalhado no EF II parece ter favorecido o uso de *embora* com função adverbial. Ademais, podemos levantar a hipótese de que os alunos do EF não têm muito contato com o uso de *embora* com funcionamento concessivo, visto que, Felício (2008) observou que o uso concessivo é mais comum em relatos de informantes com idade acima de 55 anos e com nível de escolaridade superior.

A fim de ilustrar o funcionamento sintático e semântico de cada um dos dados, trazemos, a seguir, trechos dos textos nos quais os dados ocorreram:

**Figura1.** Dado em bora



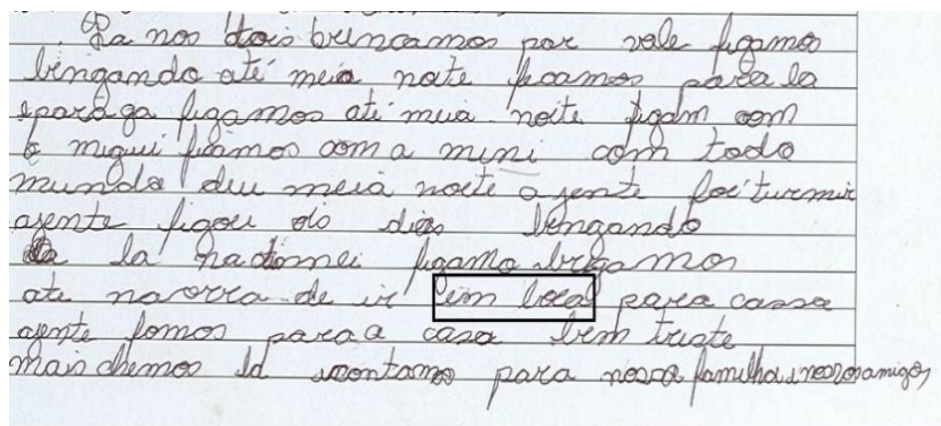
<sup>11</sup> O Banco de Dados de Escrita do EF II classifica os textos dos alunos do EF II em tipo textual. Dentre os tipos textuais presentes no Banco de Dados, temos relato, narrativa, argumentação, descrição e prescrição. Adotamos a nomenclatura do tipo textual presente no Banco de Dados de Escrita do EF II, disponível em: <https://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Proposta>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

<sup>12</sup> Além da classificação por tipo textual, o Banco de Dados de Escrita do EF II classifica por gênero. As narrativas subdividem-se nos gêneros “narrativa de ficção” e “conto”. Disponível em: <https://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Proposta>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

<sup>13</sup> No Banco de Dados de Escrita do EF II, os relatos possuem os gêneros “relato de experiência”, “carta pessoal”, “relato de mudança de vida” e “cordel”. Disponível em: <https://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Proposta>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z08\_5B\_15F\_06<sup>14</sup>

**Figura 2.** Dado em bora



Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z08\_5C\_28M\_06<sup>15</sup>

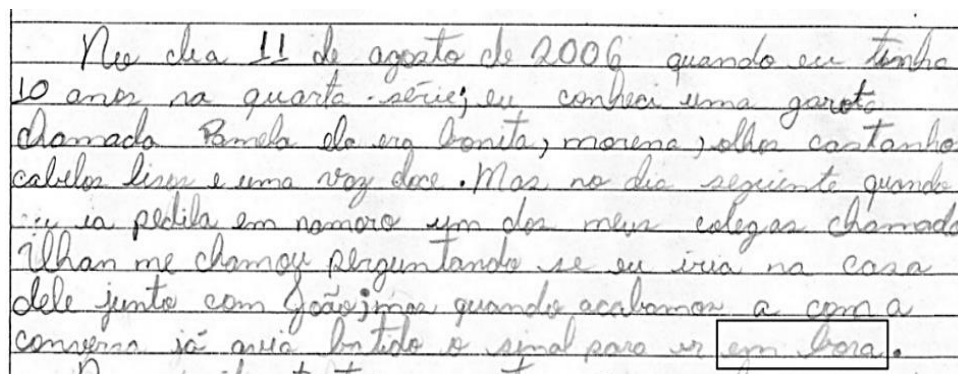
Nas Figuras 1 e 2., temos duas narrativas sobre uma viagem para Disneylândia, escritas no sexto ano do EF II<sup>16</sup>. Nos trechos, observamos que as hipersegmentações *em bora*, destacadas com um retângulo, ocupam a posição entre o verbo e seus argumentos. As três ocorrências são precedidas pelo verbo *ir* no infinitivo: “[...] foi anoitecendo até que eu lanchei para ir *em bora* quando eu foi ir *em bora* passei no parque todo e fui me despedindo [...]”, na Figura 1., e “[...] brigamos até na hora de ir *em bora* para casa”, na Figura 2. No que se refere aos tipos semânticos dos verbos, observamos que eles sugerem a leitura deslocamento espacial. Essa leitura é corroborada pela presença de lugares, como *casa*, *parque*.

<sup>14</sup> **Sugestão de leitura:** Foi a disneylândia e logo quando eu cheguei percebi que era incrível o parque e já fui entrando para fila era imensa e depois de 2 Horas na fila o primeiro brinquedo que eu fui foi o parque aquático depois foi a montanha rusa e assim por diante até que parei um pouco para se lanchar nosso eu fiz uma lancha eu come um comelhaõ, que me deu uma preguisa danada que resolvi assistir o teatro do miquey \ck/ e miney e depois eu fui me animando e comecei a caminhada denovo até que fui indo em todos os brinquedos e foi anoitecendo até que eu lanchei para eu ir em bora quando eu foi ir em bora passei no parque inteiro e fui me despedindo quando eu sai do parque já era bem tarde bem tardaõ era mais ou menos 12:30 da noite e eu peguei o ônibus e eu cheguei era 4:00 da manhã e foi correndo dormir de canceira.

<sup>15</sup> **Sugestão de leitura:** La nos dois brincamos por vale figamos bingando até meia noite ficamos para la e para ga figamos até meia noite figam com o miquei ficamos com a mini com todo mundo deu meia noite a jente foi turmir ajente figou ois dias bingando (rasura)\* la na dismei ficamos brigamos ate naorra e ir em bora para casa ajente fomos para a casa bem triste mais chemos la contamos para nossa familia e nossos amigos

<sup>16</sup> Assim como Tenani (2016), neste trabalho, adotamos a denominação “anos” ao invés de “séries” para nos referir aos quatro últimos anos do EF II, pois, no período de coleta e desenvolvimento do Banco de Dados, o EF sofreu uma ampliação de oito para nove anos na duração, de modo que o EF I passou a ter cinco anos de duração e o EF II manteve-se com quatro anos.

**Figura 3.** Dado em bora

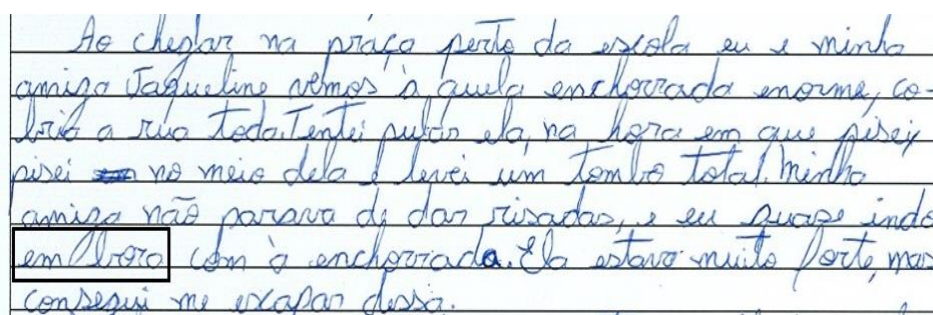


No dia 11 de agosto de 2006 quando eu tinha 10 anos na quarta-série, eu conheci uma garota chamada Pamela ela era bonita, morena, olhos castanhos, cabelos lisos e uma voz doce. Mas no dia seguinte quando eu ia pedirla em namoro um dos meus colegas chamado Ilhan me chamou perguntando se eu iria na casa dele junto com João; quando acabamos a com a conversa já havia batido o sinal para ir em bora.

 Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z10\_7B\_26M\_05<sup>17</sup>

Na Figura 3., observamos um relato sobre um envolvimento afetivo sem compromisso, escrito no oitavo. A hipersegmentação *em bora*, nesse texto, tem o funcionamento adverbial e ocorre no final da oração. Assim como os dados anteriores, a hipersegmentação é precedida pelo verbo *ir* no infinitivo: “[...] mas quando acabamos a com a conversa já havia batido o sinal para ir *em bora*.” e sugere a leitura de deslocamento espacial. Nessa ocorrência, também temos a presença de elementos circunstanciais, como o fato de o sinal da escola já ter batido e já estar na hora de ir embora.

**Figura 4.** Dado em bora



Ao chegar na praça perto da escola eu e minha amiga Jaqueline vemos à quela enchorrada enorme, cobria a rua toda. Tentei pular ela, na hora em que pisei, pisei ~~em~~ no meio dela e levei um tombo total. Minha amiga não parava de dar risadas, e eu quase indo em bora com à encorrada. Ela estava muito forte, mas consegui me escapar dessa.

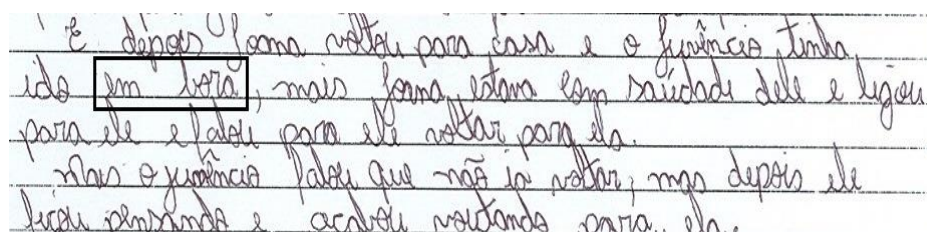
 Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z09\_6D\_25F\_02<sup>18</sup>

<sup>17</sup> **Sugestão de leitura:** No dia 11 de agosto de 2006 quando eu tinha 10 anos na quarta-série, eu conheci uma garota chamada Pamela ela era bonita, morena, olhos castanhos, cabelos lisos e uma voz doce. Mas no dia seguinte quando eu ia pedirla em namoro um dos meus colegas chamado Ilhan me chamou perguntando se eu iria na casa dele junto com João; mas quando acabamos a com a conversa já avia batido o sinal para ir em bora.

<sup>18</sup> **Sugestão de leitura:** Ao chegar na praça perto da escola eu e minha amiga Jaqueline vemos à quela enchorrada enorme, cobria a rua toda. Tentei pular ela, na hora em que pisei, pisei (~~em~~) no meio dela e levei um tombo total. Minha amiga não parava de dar risadas, e eu quase indo em bora com à encorrada. Ela estava muito forte, mas consegui me escapar dessa.

O relato da Figura 4. foi escrito no sétimo ano do EF II. Nesse texto, o aluno foi convidado a escrever sobre perfeição e defeitos pessoais. Observamos que a hipersegmentação ocorre entre o verbo e seus argumentos. Nesse caso, também temos o verbo ir, mas no gerúndio: “[...] eu quase indo *em bora* com a enxurrada.”. No que diz respeito ao tipo semântico do verbo, notamos que, diferente dos dados anteriores, esse texto sugere uma leitura mais abstrata de deslocamento espacial, no qual há um afastamento, pois a narradora não saiu do lugar em que estava, só se movimentou. Essa leitura é corroborada pela presença elementos circunstanciais, como a enxurrada da chuva estar muito forte e quase levar a narradora embora.

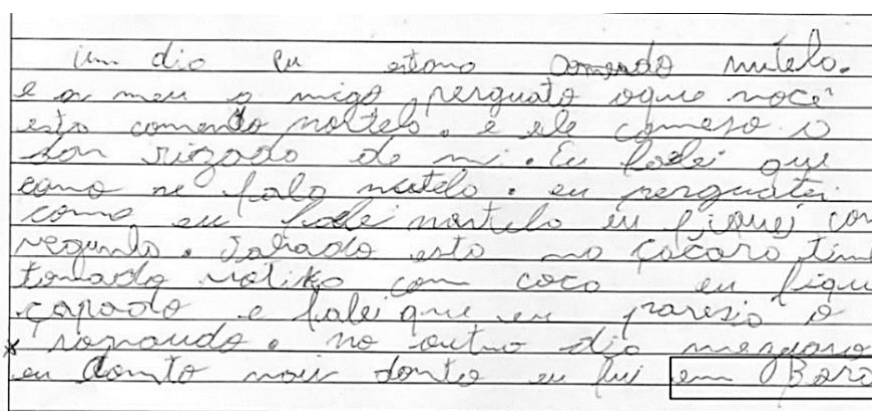
**Figura 5.** Dado *em bora*



Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z08\_5C\_20F\_01<sup>19</sup>

Na Figura 5., temos uma narrativa sobre um rompimento amoroso entre duas personagens, escrita no sexto ano. Nesse texto, observamos que a hipersegmentação ocorre no fim da oração e é precedida pelo verbo *ter* no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: “O Juvêncio tinha ido *em bora* [...]”. Nesse caso a leitura sugere um verbo de deslocamento espacial, com a presença de lugar, a casa de Joana.

**Figura 6.** Dado *em bora*



<sup>19</sup> **Sugestão de leitura:** E depois Joana voltou para casa e o Juvêncio tinha ido em bora, mais Joana estava com saúdade dele e ligou para ele e falou para ele voltar para ela. Mais o Juvêncio falou que não ia voltar, mas depois ele ficou pensando e acabou voltando para ela.

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z10\_7C\_23M\_03<sup>20</sup>

**Figura 7. Dado em bora**

Um dia eu fiquei sozinho em casa assistindo tv quando a minha namorada chegou. E ai nos fomos andar para conversar fomos no lanche fomos no Halam Halls alugamos filmes para assistir e fomos em bora.

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z10\_7D\_30M\_01<sup>21</sup>

**Figura 8. Dado em bora**

Até que ele lembrou de uma coisa que ia dar certo, ele pegou uma magia muito quente e ia jogar em cima de Ricardo, ouviu e levantou do chão e falou eu estou bem, e a outra pessoa continuava doente ele pegou um prego e espetou o braço dele de ele deu um pulo e ficou de pé rapidinho, e o Ricardo ficou com muito dinheiro, até que um dia ele se cansou de tudo isso, e largou o dinheiro e foi em bora para sua casa e ficou la pro resto da vida.

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z11\_8C\_11M\_04<sup>22</sup>

<sup>20</sup> **Sugestão de leitura:** Um dia eu estava (comendo) mutelo. e o meu a migo perguato oque você esta comendo mortelo. e ele comeso a daau rizada de mi. Eu fo(\*)lei que como re falo mutelo . eu perguatei como eu fa(\*)lo mortelo eu fiquei com vergunha, valiado esta na çacara tinha tomado motiko com coca eu giqui çapado e falei que eu paresia o \*ronaudo. no outro dia mezuaro eu conto nau conto eu fui em bora

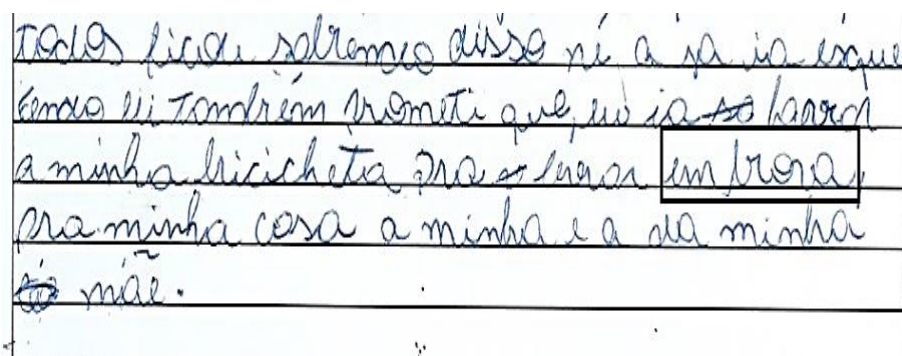
<sup>21</sup> **Sugestão de leitura:** Eum dia eu fiquei sozinho em casa assistindo tv quando a minha namorada chegou. E ai nos fomos andar para conversar fomos no lanche fomos no Halam Halls alugarmos filmes para assistir e fomos em bora.

<sup>22</sup> Sugestão de leitura: Até que ele lembrou de uma coisa que ia dar certo, ele peou uma magia muito quente e iajogar em cima de, o Ricardo ouviu e levantou do chão e falou eu estou bem, e a outra pessoa continuava doente ele pegou um prego e espetou o braço dele ai ele deu um pulo e ficou de pé rapidinho, e o ricar-do ficou com muito dinheiro, até que um dia ele se cansou de tudo isso, e largou o dinheiro e foi em bora para sua casa e ficou la pro resto da vida

Os textos presentes nas Figuras 6. e 7. Foram escritos no oitavo ano e relatam a vivência de um mal entendido e os benefícios da imortalidade, respectivamente. O texto da Figura 8., escrito no nono ano, narra uma aventura em terra distante.

Observamos que as hipersegmentações ocorrem no final da oração, nos textos das Figuras 6. e 7., e entre o verbo e seus argumentos, na Figura 8. Nos três textos, *em bora* é precedido pelo verbo *ir* no pretérito perfeito do indicativo: “[...] e eu fui *em bora*”; “[...] alugarmos filmes para assistir e fomos *em bora*.”; “[...] largou o dinheiro e foi *em bora* para sua casa e ficou lá pro resto da vida”. Nesses textos, os verbos sugerem a leitura de deslocamento espacial e possuem a presença de elementos circunstanciais, como uma situação desagradável que faz o narrador ir embora, na Figura 6.; lugares, no caso da Figura 7; e, na Figura 8., a casa da personagem.

**Figura 9.** Dado *em bora*



Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z09\_6C\_24F\_01<sup>23</sup>

O texto da Figura 9, escrito no sétimo ano, relata promessas não cumpridas. A hipersegmentação ocorre entre o verbo e seus argumentos e é o único caso em que *em bora* não é precedido pelo verbo *ir* e sim pelo verbo *levar* no infinitivo: “[...] ia lavar a minha bicicleta para levar *em bora* pra minha casa [...]”, o qual permite a leitura de deslocamento espacial, com a presença do elemento circunstancial *levar a bicicleta embora*.

Os textos nas Figuras 10. e 11. apresentam uma característica diferente dos anteriores, pois temos casos de flutuação gráfica, nos quais *embora* foi escrito convencionalmente e não convencionalmente:

<sup>23</sup> **Sugestão de leitura:** (~~me~~) prometi que eu ia arrumar o meu quarto, e a cozinha que não ia sair pra rua mais eu (~~sair~~) sai, aí a minha mãe dechou prometi que eu add umas amigas no orkut, e muitas outras coisas eu prometi (~~que eu~~) e, todos ficou sabendo disso né a sa ia esque-] como eu também prometi que eu ia (~~sa~~) lavar a minha bicicleta pra levar em bora, pra minha casa a minha e a da minha (rasura)\* mãe.



**Figura10.** Dados *embora* e *em bora*

A viagem para Marte  
 Um astronauta decidiu ir a Marte para  
 ver como que é, lá é estranho quando  
 pisa no chão parece que é de borracha,  
 nossa um alienígena ele tem três olhos,  
 duas orelhas pontudas, e uma boca estranha  
 e onde ele mora é horrível, e tudo  
 escuro, quando ele anda trêpe o chão  
 um monstro gigante ele virou ficou  
 tudo escuro e fedorento, ele tem  
 cinquenta olhos, duas cabeças, vinte  
 bocas, o astronauta falou vamos  
 embora da qui e foram em bora.

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z08\_5A\_16M\_05<sup>24</sup>

**Figura11.** Dados *inbora* e *in bora*.

Mas la avia um colega meu ai ele.  
 falou para mim vamos na montanha ruza  
 javou no otel para registrar com  
 aminha no mouada agente vamos para  
 quarto Questamos a mala para agente  
 sair do otel com ela para ir princar  
 acabamos vamos inbora para dormir.  
 acertamos com o canto do galo tomamos o café  
 vamos in bora e ficamos com sau dade de  
 la;

Fonte: Banco de dados de escrita do EFII. Texto: Z08\_5C\_22M\_06<sup>25</sup>

<sup>24</sup> **Sugestão de leitura:** A viagem para Marte. Um astronauta decidiu ir, a Marte para ver como que é, lá é estranho quando pisa no chão parece que é de borracha, nossa um alienígena ele tem três olhos, duas orelhas pontudas, e uma boca estranha e onde ele mora é horrível, e tudo escuro, quando ele anda trêpe o chão, um monstro gigante ele virou ficou tudo escuro e fedorento, ele tem cinquenta olhos, duas cabeças, vinte bocas, o astronauta falou vamos embora da qui e foram em bora.

<sup>25</sup> **Sugestão de leitura:** Mas la avia um colega meu ai ele. falou para mim vamos na montanha ruza javou no otel para registrar com aminha na mouada agente vamos para quarto Questamos a mala para agente sair do otel com ela para ir princar acabamos vamos inbora para dormir. acertamos com o canto do galo tomamos o café vamos in bora e ficamos com sau dade de la;

Em ambas as imagens, temos textos escritos por alunos do sexto ano. O texto da Figura 10. narra uma viagem para outro planeta e o texto da Figura 11. uma viagem para Disneylândia.

Na Figura 10., *embora*, grafado convencionalmente, ocorre entre o verbo e seus argumentos e é precedido pelo verbo *ir* no presente do indicativo: “[...] vamos *embora* daqui [...]”, o qual permite uma leitura mais abstrata de deslocamento espacial, na qual a ação ainda não foi realizada, existe somente uma sugestão que foi dada devido à presença de uma criatura assustadora naquele planeta. Ainda na Figura 10., temos a hipersegmentação *em bora*, que ocorre no final da oração e é precedida pelo verbo *ir* no pretérito perfeito do indicativo: “[...] e foram *em bora*.”, o qual sugere uma leitura mais concreta de deslocamento espacial, com a presença de elementos circunstanciais, como as personagens terem aceitado a sugestão do astronauta e terem ido embora.

Assim, notamos que a ação de ir embora começa com o advérbio grafado convencionalmente e termina com a hipersegmentação. A hipersegmentação também sugere uma leitura de advérbio temporal, que nos remete a estágios anteriores da língua, visto que, no texto, o astronauta, ao perceber o perigo que o monstro representava, sugeriu que fossem *embora* e foram *em boa hora*, expressão que designava bons agouros para as ações humanas. Com base nisso, podemos levantar a hipótese de que, nesse caso, a grafia *em bora* guarda resquícios da transformação experimentada por *em boa hora*. Podemos basear essa hipótese no chamado Princípio do Uniformitarismo de Romaine (1982), segundo o qual, forças condicionantes da estruturação linguística que operam no presente são provavelmente similares às que operaram no passado.

Na Figura 11., o advérbio grafado convencionalmente ocorre entre o verbo e seus argumentos e é precedido pelo verbo *ir* no presente do indicativo: “[...] vamos *inbora* para dormir [...]”, que nos permite uma leitura de deslocamento espacial, com a presença de elementos circunstanciais, como o fim da brincadeira no parque e ter que ir embora para dormir no hotel. Funcionamento semelhante é observado na hipersegmentação *in bora*, a qual ocorre no final de oração, precedida pelo verbo *ir* no presente do indicativo: “[...] vamos *in bora* [...]”, que também sugere a leitura de deslocamento espacial, todavia, nessa parte do texto, as personagens foram embora do parque definitivamente, o que corrobora essa leitura é o fato de sentirem saudade do parque. Desse modo, assim como o texto da Figura 10., temos leituras diferentes em *inbora* e em *in bora*, o que nos permite observar que, nesses textos, a flutuação gráfica não ocorre de modo aleatório, mas é influência por questões semânticas que envolvem práticas de leitura e escrita nas quais os escreventes circulam.

No texto da Figura 11., ainda temos mais uma característica não observada nos outros dados, a grafia *in bora*. Essa grafia remete à relação do escrevente com o eixo da gênese da escrita (CORRÊA, 2004), que refere-se aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade, pois observamos que o aluno grafa a palavra *embora* com características orais que advêm de sua experiência com práticas sociais orais/faladas.

De modo geral, a partir da análise dos textos, é possível observar que a configuração verbo *ir* + *em bora* pode remeter à regência desse verbo, pois, alunos do EF II ainda estão aprendendo a regência dos verbos e podem imaginar, a partir das práticas orais/faladas e letradas/escritas das quais participam, que o verbo *ir* seja regido pela preposição *em*, o que parece ser mais comum no modo de enunciação oral. Desse modo, entenderiam a primeira sílaba da palavra *embora*, como a preposição *em*. Assim, consideramos que esses dados nos dão indícios da circulação do escrevente pelo código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004), no qual ele enuncia a partir das práticas letradas institucionalizadas que o constituem e a partir do que ele imagina ser o esperado pela instituição escolar.

De um ponto de vista prosódico, *embora* tem suas sílabas organizadas metricamente em fraco, forte e fraco (●\*●), a sílaba *bo* é a forte, porque possui o acento primário da palavra. Quando essa palavra é hipersegmentada, como *em bora*, há uma reorganização das sílabas que funcionam da seguinte maneira: (●) σ (\* ●) Σ, isto é, uma sílaba e um pé métrico. A sílaba *em*, pode ter sido reconhecida como uma preposição e enquanto preposição, constitui um clítico, palavra átona que depende fonologicamente de outras, e que, no PB, frequentemente aparece grafada separadamente de seu hospedeiro, como em *em pé*, por exemplo.

Sobre palavras trissílabas, como *embora*, Chacon (2005) argumenta que elas trazem fatos mais interessantes quanto a questões prosódicas do que palavras dissílabas e polissílabas, pois, em qualquer ponto de um trissílabo, pode ocorrer um contexto para uma possível colocação de fronteira gráfica na escrita. Todavia, de acordo com o autor, não é em qualquer lugar que os escreventes inserem fronteiras, porque o modo como os espaços em branco são inseridos indicia que princípios recorrentes de estruturação da fala foram obedecidos, como “é o caso do ritmo, que, já estruturado na língua, marca-se na oralidade, por exemplo, por meio de contrastes entre sílabas acentuadas e não-acentuadas” (CHACON, 2005, p. 81).

Nesse sentido, o autor defende que os escreventes, quando hipersegmentam palavras trissílabas, deixam indícios de que uma parte da palavra pode ter sido reconhecida como uma palavra monossilábica da língua, que, em grande parte das vezes, é correspondente a categorias gramaticais, como é o caso uma preposição “em” supostamente reconhecida em *em bora*. O autor também explica que quando não é identificado um monossílabo na palavra, o reconhecimento pode ocorrer com o dissílabo restante, como na possível palavra “cola” de “escola”. No caso de *em bora*, é interessante discutir como “bora” já é uma palavra

do uso corrente da língua, indicando, muitas vezes, o sentido todo do advérbio *embora*, o que justificaria ainda mais a hipersegmentação pelo reconhecimento de “em” enquanto preposição e “bora” enquanto palavra lexical.

Sobre *bora* ser reconhecido como uma palavra lexical, Felício (2008) comenta que a alta frequência da expressão *ir embora* parece ser responsável por gerar de um novo uso para *embora* que apresenta valor temporal de futuro próximo, no qual *bora* precede um verbo ação, como, por exemplo, *bora dançar*, *bora comer*, *bora nadar*, em um contexto de convite. A autora pontua que esse funcionamento se dá por meio da perda de material fonético e pela ausência do verbo de movimento *ir*, pois *bora* parece já que ter absorvido a semântica de movimento.

Na seção seguinte, finalizamos este trabalho tecendo algumas considerações sobre os resultados encontrados e sobre as possíveis explicações que construímos para explicar a recorrência desse tipo de dado no EF II.

## 5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi observar, a partir de uma concepção heterogênea de constituição da escrita (CORRÊA, 2004), o funcionamento sintático, morfossemântico e prosódico da hipersegmentação *em bora* retirada de textos escritos por alunos que cursaram os quatro últimos anos do EF em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto. Para tanto, nos baseamos no funcionamento sincrônico do item *embora* descrito por Felício (2008) e nos pressupostos da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007).

Os casos de *em bora* analisados ocorrem sempre em contexto de verbo de movimento (*ir* e *levar*, mais especificamente) + *em bora*, que, segundo Felício (2008) garante o sentido de deslocamento/partida que acompanha o sentido adverbial do item. A partir dessa configuração de verbo *ir* + *em bora*, levantamos a hipótese de que a regência do verbo *ir* pode ter influenciado na hipersegmentação de *embora*, pois, alunos do EF II ainda estão aprendendo a regência dos verbos e podem imaginar, a partir das práticas orais/faladas e letradas/escritas das quais participam, que o verbo *ir* seja regido pela preposição *em*. Desse modo, entenderiam a primeira sílaba da palavra *embora*, como a preposição *em*. A configuração prosódica de *embora* valida essa hipótese, já que por ser uma palavra trissílaba, apresenta certas características que podem privilegiar uma escrita hipersegmentada, já que, de acordo com Chacon (2005), dados trissílabos são hipersegmentados, na maioria das vezes, em limites de sílaba e pé métrico, o que nos dá pistas de que o escrevente identificou possíveis palavras da língua, como, nesse caso, a preposição *em* e a palavra *bora*. Esse resultado, nos dá indícios da circulação do escrevente pelo código escrito institucionalizado, aquele em que

o escrevente grafa, baseado em práticas de leitura e escrita aprendidas na escola e fora dela, o que imagina ser o esperado pela instituição escolar.

Além desses resultados, observamos ainda alguns casos de flutuação gráfica em que *embora* foi grafado convencionalmente e não convencionalmente em um mesmo texto. Nesses casos, notamos que há uma diferença semântica na leitura nos itens. Quando o item foi grafado convencionalmente, permitiu uma leitura de deslocamento espacial mais abstrata e quando o item foi grafado não convencionalmente, foi possível fazer uma leitura de deslocamento espacial mais concreta. Em um dos dados de flutuação gráfica, também foi possível observar um funcionamento adverbial de tempo, o que nos remete a estágios anteriores da língua. Esse resultado nos permite observar que, nos textos analisados, a flutuação gráfica não ocorre de modo aleatório, mas é influência por questões semânticas que envolvem práticas de leitura e escrita nas quais os escreventes circulam.

Os resultados encontrados sugerem também que o tipo textual trabalhado no EF II pode ter favorecido o uso de *embora* hipersegmentado com função adverbial, visto que 58,3% dos dados ocorreram em narrativas e 41,7% em relatos. Em trabalho futuro, seria necessário levantar as grafias convencionais de *embora*, a fim de verificar se o funcionamento adverbial e os tipos textuais nos quais os dados ocorrem se mantêm os mesmos ou se a grafia convencional se comporta de modo diferente, com valor conjuncional, por exemplo, e se ocorre em outros tipos textuais, como artigo de opinião e carta.

De modo resumido, as hipersegmentações da palavra *embora*, retiradas de textos escritos no EF II, apresentam características que evidenciam a complexidade da constituição dessa palavra, que passou por um processo de gramaticalização e que, sincronicamente, evidencia um funcionamento morfossemântico diverso. Por isso, defendemos que dados como *em bora*, não são erros de escrita e sim pistas, indícios que mostram como se dá a multifacetada relação dos escreventes com a língua(gem).

Assim, acreditamos que este artigo contribui com os estudos linguísticos por interpretar dados de escrita como estruturas que, de certa forma, recuperam estágios anteriores da língua, dão pistas de representações prosódicas e evidenciam a relação do sujeito com a língua falada e escrita.

## Referências

- ABAURRE, M. B. M. 1991. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da Abralín**, Campinas, v. 11, p. 203-17.
- \_\_\_\_\_. 1989. Hipóteses iniciais de escrita: evidências da percepção, pela criança, de unidades rítmico/entonacionais na fala. **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife: UFPE, p. 751-764.
- ALI, M. S. 1964. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos.

- BISOL, L. 1996. Constituintes prosódicos. In: \_\_\_\_\_. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 247-261.
- BRASIL. 2018. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília.
- BRASIL. 1997. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília.
- CÂMARA J. M. 1979. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão.
- CAPRISTANO, C. C. 2004. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39 nº 3, p. 245-260.
- \_\_\_\_\_. 2007 a. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 2007 b. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CHACON, L. 2004. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232.
- \_\_\_\_\_. 2005. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 77-86.
- \_\_\_\_\_. 2006. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA. M. L. G. (org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, p. 155-167.
- CORRÊA, M. L. G. 1997. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 434f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.
- \_\_\_\_\_. 2004. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes.
- COUTINHO, I. L. 1967. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CUNHA, A. P. N. 2004. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. Dissertação de Mestrado, UFPel, Pelotas.
- \_\_\_\_\_. 2010. **As segmentações não convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. Tese de Doutorado, UFPel, Pelotas.
- Dicionário Michaelis**. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 11 de abr. 2015.
- FELÍCIO, C. P. 2008. **A gramaticalização da concessiva embora**. 180 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.
- FERREIRA, A. B. H. 1986. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIEL, R. P. 2018. **Estudo longitudinal de hipossegmentações em textos do ensino fundamental II**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.
- LOPES, C. R. S. 2004. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos”. **Fórum Linguístico**, v. 4, nº1. Florianópolis, p. 47-80.
- ROMAINE, S. 1982. **Socio-historical linguistics**. Cambridge: CUP.

SILVA, L. M. 2014. **Um estudo longitudinal das hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental**. 171f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

TENANI, L. 2010. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. **Cadernos de Educação** (UFPel), v. 35, p. 247-269.

\_\_\_\_\_. 2011. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental. **Revista da Associação Brasileira de Linguística**, v. 10, n.2, p. 91-119.

\_\_\_\_\_. 2015. **Banco de dados de escrita do Ensino Fundamental II**. FAPESP/UNESP. Disponível em: <<http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>> Acesso em 10 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. 2016. **Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper) segmentações de palavra**. 213 f. Tese (Livre-docência) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.